



SERMAO

QUE O PADRE

DIOGO DE AREDA

Da Companhia de JESUS

P R E G O U

No Acto da Fé, que se celebrou na Cidade de
Goa, Domingo 4. dias do mez de Settem-
bro do Anno de 1644.



Impresso no Collegio de S. Paulo Novo da
Companhia de JESUS Anno de 1644.

ESTE Sermaõ, que o Reverendo P. Diogo de Areda da Sagrada Religiaõ da Companhia de JESUS prégou no Acto da Fé que nesta Cidade ouve em 4. de Setembro deste presente Anno, me pareceo quando o Author o prégou taõ superior a qualquer grande discurso, assim no dilatado dos pensamentos, como na propriedade, e pezo das palavras couza, que em materias tam feriosas às vezes fenaõ ajunta com facilidade, que o juizo que entaõ formey foy que feu Author se excedera nelle a sy mesmo, taõ cabalmente se ajustou no dizer em os assumptos que tomou acomodados aos erros, e crimes que no Acto presente se condenaraõ, com tanta clareza, e erudiçaõ provou os mesmos assumptos. Porèm depois que por mandado dos Senhores Inquisidores ly o que tinha ouvido, e com mayor attençaõ fiz juizo do mesmo Sermaõ tam fõra estive de me acontecer o que o Stoico Espanhol temia: *Ne ea quæ in transitu placuerunt in mora displiceant*, que antes me pareceo que todo o mayor abono ficava inferior ao muito que se devia, a taõ grandes, e taõ superiores discursos; e assim naõ sò me parece que convem dar se licença para que faya a luz este Sermaõ, mas que se deve obligar o Author a que o imprima para que seja notorio ao mundo o grande cuidado com que o Sã-

to Tribunal nestas partes tão remotas trata de
mayor aumento, e pureza de nossa Santa Fè, e
bons costumes, fazendo para isso Actos publicos
tão a meudo, e dando tal expediente a negocios
de tanto pezo que parece que só forças mais que
humanas podiaõ aturar tão continua assistencia
nelles. Isto he o que me parece, em o Convento
de S. Domingos de Goa, em 25. de Novembro
de 1644.

Frey Agostinho de Magalhães Magister.

LICENÇA DO SANTO OFFICIO.

V Esta a informação pôde-se imprimir, e de-
pois de impresso torne para se conferir
com o original sem isso não correrá. Goa em me-
za 28. de Novembro de 1644.

*Antonio de Faria
Machado.*

*João de Barros de
Castelbranco.*

LICENÇA DO ORDINARIO.

P Ode-se imprimir. Goa, 28. de Novembro
de 1644.

Arcebispo Primaz.

DEDICADO

AO ILLUSTRISSIMO, E REVERENDISSIMO

Senhor Bispo

D. FRANCISCO DE CASTRO

Inquisidor geral dos Reynos, e Senhorios de Portugal, do Concelho de Estado de Sua Magestade.

ILLUSTRISSIMO, E REVERENDISSIMO

Senhor.

NESTA Cidade de Goa aos 4. de Setembro deste anno de 644. se celebrou hum Acto da Fé dos mayores que vio este Oriente; a prégação delle se me encomendou a my; e posto que a occasião era mayor que o cabedal com que me achava, me achei depois em muito mayor obrigação, porque me mandarão fair a luz com este Sermaõ para correr novo perigo nas mãos dos ausentes a que chegasse, depois do que teve nos olhos dos presentes, que me ouvirão. Esta razão me obriga a buscar em Vossa Illustrissima padrinho grande para o risco que hade ter. Não discurso conveniencias de minha eleição, pois sey que qualquer razão he sobejá a Vossa Illustrissima para se inclinar ao gosto com que favorece; se bem se devem a Vossa Illustrissima

lustríssima os acertos dos mayores ministros que goza esta Inquiſição nas evidencias honroſas do que tem obrado em tantas occaſiões; e a memoria deſta ultima que vio a India neſte tão celebre Acto de noſſa Religiaõ, vay buscar a V. Illuſtriſſima neſte Sermaõ como a ſeu principio por agradecimento, e como a ſeu principe por amparo, tão certa de o poder achar, quam afouto em tão remontada diſtancia lho prometo, pois baſta para o merecer na grandeza de Voſſa Illuſtriſſima a ſignificação de o neceſſitar. Eſta confiança me aſſegura, e empenha em mayores demonſtrações no ſerviço de Voſſa Illuſtriſſima. Cuja Illuſtriſſima peſſoa Deos guarde muitos annos. Goa, e de Novembro 25. de 644.

De V. S. Illuſtriſſima

Servo, e orador perpetuo

Diogo de Areda.

*VÆ TERRÆ CIMBALO ALARUM, QUÆ EST
trans flumina Æthiopiæ, qui mittit in mare legatos,
& in vasis papyri super aquas: Ite Angeli veloces
ad gentem convulsam, & dilaceratam, ad
populum terribilem, post quem non
est alius, àd gentem ex-
pectantem.*

Isaiæ. 18.

SAM palavras do Profeta Isaias no Capitulo 18. de seus oraculos, nelles profetizou como os Judeos de Jerufalem haviaõ de pertender conservar a Ley de Moyfes neste Oriente, e como nelle por meyo dos Portuguezes se havia de acabar o Judaismo.

Em tres partes podemos dividir as palavras de nosso thema para mayor intelligencia do que o Profeta quiz dizer; na primeira dà ays sobre a terra que chama sino de azas, que foou alèm de Ethiopia por meyo dos Embaxadores, que mandou. Eusebio, S. Justino Mart. e Ecumenio entendem por esta terra a Cidade de Jerufalem, da qual depois da morte de Christo, os Escribas, e Phariseos mandaraõ embaxadores por mar, e terra com cartas para todos os Judeos, que andavaõ espalhados pelo mundo, em que os exhortavaõ a que conservassem a Ley de Moyfes, e

per-

perseguissem a todos os Christãos , que lhe denunciasssem a Ley de Christo , porque era hum homem , como elles diziaõ , malfeitor , que elles haviaõ crucificado em Jerufalem. E chama o Profeta a Jerufalem fino, porque assim como este soa ao longe , assim a malicia de seus moradores na morte , que deraõ a seu Missias , e Salvador foou por todo o mundo. Mas os settenta Interpretes verteraõ o lugar com alguma variedade , porque não chamaõ a Jerufalem fino de azas , mas terra de náos com azas ou velas , em que navegaram seus embaxadores : *Væ terre navium alæ , quæ mittit per mare Epistolas papyraceas.* E declarando Ecumenio o que tudo vem a montar diz : *His verbis significat quod ultra Æthiopum regiones sonus malitiæ Judæorum processerit , & illorum legati literas papyraceas deferentes , ubique terrarum discurrebant.. sermonem de Christo calumniantes.* E he tudo o que até agora temos dito , que os Escribas , e Phariseos mandaram de Jerufalem embaxadores por todo o mundo calumniando a Christo , e a sua Ley para confervação da de Moyfes.

Porém eu me tenho empenhado a mais, e he que o Profeta quiz dizer, que os Escribas, e Phariseos em particular com esta embaxada pertenderam a confervação da Ley de Moyfes nesta India, e neste Oriente em que estamos. E prova-se porque como o Profeta diz que os embaxadores de Jerufalem passaraõ toda a Ethiopia, como explica Ecumenio

ultra Æthiopum regiones. E dali se embarcação para outras terras, estas da India parece que são. Porque como diz Bofio: *De signis Eccles.* de Ethiopia se costumava então navegar para esta India: *Inde solvitur ad amplissima Indiarum regna.* De mais que este lugar de Isaias tem as mesmas palavras, que outro de Sophonias, cap. 3. em que diz: *Ul-* Sop
10.
tra flumina Æthiopiæ, inde supplices mei. O qual tresladaraõ os setenta assim: *De finibus fluminum Æthiopiæ,* e o Caldeo: *Ab ulterori ripa fluviorum Indiæ;* donde evidentemente se colhe, que a terra que hum, e outro Profeta disseraõ estava além de Ethiopia he sem duvida esta India. Além de que assim o entende expressamente o real interprete sobre este mesmo passo de Isaias, porque achando que do Hebreo em lugar das ultimas palavras do nosso tema: *Ad gentem expectantem,* liaõ alguns, *ad gentem lineæ, & lineæ;* diz que o Profeta falla desta India, e que com essas ultimas palavras alludio o Profeta a linha Equinoctial, a qual passaõ duas vezes, todos, e em particular os Portuguezes que dos fins do Occidente navegaõ para este Oriente: *Fieri allusionem ad lineam æquinoctialem, quam Lusitani navigando in Indiam bis pertranserunt;* e que nesta India ouvesse Judeos, no tempo em que Christo foy morto em Jerusalem, só o duvidará quem não sabe das navegações del Rey Salamaõ, e de outros Reys de Israel, que cá mandaraõ suas náos a buscar as drogas, e ouro de

Ophir, porque ainda que não consta determinadamente que terra era Ophir, porque huns dizem, que Ophir era Malaca, e outros que era Ceilaõ, todos concordão, que era terra deste Oriente, aonde os Judeos vinhaõ commerciar; e como a terra era rica, e o commercio grosso, não podia deixar sua cobiça de obrigar a muitos Judeos a se ficar por cá commerciendo desterrados de sua patria, donde disse o nosso Mapheo diligentissimo historiador das coufas da India, que ha nella povos, e em particular os Peguns, que se prezaõ de descendentes de Judeos: *Stirpem eos ab Judæis exulibus ducere.* Taõ antigos são os Judeos na India, e taõ de longe começaraõ a engrossar nella: e em resoluçaõ quando nõs chegamos à India, já cá os achamos com suas sinagogas, como consta de nossas Chronicas. A estes Judeos pois, que por cá andavaõ mandaraõ os Escribas, e Phariseos de Jerufalem seus embaxadores recommendando-lhe a observancia da Ley de Moyfes, e o odio da de Christo.

Na següda parte de nosso tema dá o Profeta voz aos Anjos que acudaõ, e se opponhaõ aos embaxadores de Judea: *Ite ite Angeli veloces;* os Interpretes sagrados entendem cõmummente por estes Anjos os Prégadores Evangelicos, que a estas terras taõ remontadas vieraõ denunciando o contrario dos embaxadores de Jerufalem, a saber como a Ley de Moyfes era acabada, e como não havia outra Ley de salvaçaõ mais que a de Christo Jesu, que

que por nosso remedio deo a vida em huma Cruz: mas alguns expositores modernos, e não Portuguezes dizem que o Profeta fallava com os Portuguezes. Assim o fente Genebrardo, dizendo: *Cui mysterio Portugalenſes in ſuis ad illos populos navigationibus inferuiunt.* Assim o fente Boſio, porque allegando eſte lugar de Iſaias, e fallando das terras do Oriente diz que: *Per Luſitanos Chriſto conciliata ſunt.* Do meſmo parecer ſão Arias Montano, Trederico Lumnio, e Delrio de noſſa Companhia, porque os Portuguezes foraõ os Anjos ligeiros, que no anno de 1498. chegaraõ a eſta India com as novas do Evangelho, e de entaõ para cá nella continuaõ com o fruto de tantos milhões de almas, quantos ſão os que por meyo de ſua prégação ſe converteraõ à Ley de Chriſto como ſabemos do tempo paſſado, e como vemos no tempo preſente.

Na terceira parte de noſſo tema diz o Profeta quaes eraõ os Judeos que andavaõ por eſtas terras, quando a ellas chegaraõ os embaxadores de Jeruſalem, e chama-lhe: *Gentem convulſam, & dilaceratam*; gente arrancada, porque de ſua patria andavaõ arrancados, e gente despedaçada, pelo eſtrago que nelles fizeraõ, diz Lyra, os Reys do Egypto, Syria, e Babilonia: *Hæc enim gens fuit multipliciter dilacerata à regibus Ægypti, Aſſyriorum, & Babiloniorum*, chama-lhe: *Populum terribilem*, povo terrivel, *non a potestate*, diz o meſmo Au-

tor : *Sed à miseria sibi superveniente* ; povo terrivel, não pelo poder , mas pela miseria a que chegou , que era tão grande , que metia medo : *Post quem non est alius* ; depois do qual povo não ha outro : *Miserabilior* , diz Lyra , depois do qual não ha outro povo mais cheyo de miseria ; chama-lhe : *Gentem expectantem* , gente que espera. E bastava isto para entendermos que eraõ Judeos , porque além das esperanças com que viveraõ antes de vir o verdadeiro Missias , depois de sua chegada ha 1644. que esperaõ , e mais não se enfadaõ , nem haõ de deixar de esperar , senaõ quando o mesmo Missias tornar a segunda vez não para os libertar , mas para os castigar nesse ultimo cadafalso que hade aver no Valle de Jofaphat.

Será pois a materia da prégação mostrar-vos no primeiro lugar a malicia Judaica considerada em sy mesma nas primeiras palavras de nosso tema : *Vae terra cimbalo alarum* ; no segundo mostrarvos a mesma malicia considerada por respeito a misericordia divina , que a pertendeo remediar naquellas palavras : *Ite Angeli veloces*. No terceiro mostrarvos a mesma malicia considerada por respeito a Justiça divina no castigõ que lhe deo naquellas palavras : *Gentem convulsam*, &c. E servirey assim a todas as partes deste tão illustre , e sagrado auditorio que saõ tres. A primeira dos Juizes , e ministros deste Apostolico Tribunal do Santo Officio. A segunda da nobreza, religião , e povo

povo catholico, que concorreo a ver este lastimo-
so espectaculo. A terceira dos Reos, e peniten-
tes que por seus erros, e culpas faem nelle con-
denados. A estes pertence a primeira parte da
prégação em que lhe mostrarey sua malicia para
se confundiré. A segunda parte da prégação, per-
tence a primeira parte do auditorio, que são os
Juizes, e ministros deste Apostolico Tribunal, na
qual depois de mostrar o que a misericordia di-
vina tem feito pelo povo Judaico, mostrarey o
que elles fazem no remedio do mesmo povo. A
terceira parte da prégação, pertence a segunda
parte do auditorio da nobreza, religião, e povo
para que ouvindo o como Deos tratou, e trata
a este desleal, e ingrato povo chorem com elle
seu miseravel estado. Vós Senhor Jesus Salva-
dor, e Redemptor nosso me day forças, e graça
para dizer o que fostes servido ensinarme para es-
te acto, e com tal fruto, que os que estão caidos
se confundaõ, e arrependaõ, e os que estão em
pé se confirmem, e compadeçaõ, e os que com
poder pontifical, e real presidem neste acto, pro-
curem como fazem, a pureza de vossa Fé, a hon-
ra de vossa ley, e a emenda dos culpados. E por-
que a Virgem Santissima sempre foy interessada
na gloria de seu filho, e remedio dos homens,
me ajudem todos a grangear sua intercessaõ no
auxilio da graça de que necessito.

AVE MARIA.

PRI-

PRIMEIRA PARTE.

A malicia Judaica nos representa Ifaias na primeira palavra de nosso tema, porque pelo mesmo caso que chorou, e deo hum ay tão sentido sobre os Judeos de Jerusaleem: *Væ terra, &c.* mostrou, diz S. Jeronymo, que era sua malicia desesperada: *Væ in eos qui penitus desperantur.* Esta era a malicia dos Judeos de Jerusaleem, e he a malicia de todos os Judeos, malicia desesperada, ou malicia de desesperados: *Væ in eos qui penitus desperantur.* Naquella luta que Jacob teve com hum Anjo humma noute inteira: *Ecce vir luctabatur cum eo usque mane*, quer Santo Isidoro, e outros que se representasse a contenda em que o povo Judaico andou sempre com Deos, e Deos com o povo Judaico; porém he de notar que em quanto durou a noute sustentou o Anjo a luta, e contenda, mas tanto que esclareceo a manhã logo o Anjo se quiz desembaraçar, e deixar de todo a Jacob: *Dimitte me jam enim ascendit aurora.* A noute diz Santo Isidoro tomando-o de S. Paulo significa todo o tempo da Ley velha, porque todo esse tempo foy de sombras mais espessas que a mesma noute, e a manhã significava o tempo da Ley da graça em que appareceo na terra Christo, que foy o dia, e luz do mundo: *Nox præcessit, dies autem appropinquavit.* Hora bem, se Deos todo esse tempo de noute da Ley velha andou tanto em braços de Jacob, e tanto em braços do povo Judaico, que se gloriava, que não havia nação,

nação , que tivesse seus Deoses mais visinhos , do
que elle tinha o seu : *Non est alia natio , qua habeat*
Deos appropinquantes sibi sicut Deus noster adest nobis , De
porque chegando a manhã, e luz da Ley da gra-
ça o quer desemparrar , e deixar de todo ? *Dimitte*
me jam, &c. Porque Jacob ou o povo Judaico, que
elle representava , nem em o escuro da noute da
Ley velha, nem em o claro da manhã da Ley no-
va se acabava de render, diz S. Isidoro , e malicia
taõ continuada era malicia desesperada: *Illius salu-*
tem desperavit, quem nec terrore, nec amore potuit supera-
re. Que parece quiz dizer, a Ley velha foy ley de
tombros, de medos, e de carrancas, e se Deos an-
dava entaõ em braços de seu povo não era tanto
para o regalar, quanto para o atemorisar, mas nẽ
esses medos bastaraõ para o render , porque cada
dia se rebellava; com tudo dissimula Deos para ver
se póde por amor, o que não póde por temor; mas
tambem não lhe succedeo a traça , porque nem
quando chegou a Ley da graça, e o Author della
Christo Jesus, e o descobrio ao povo Judaico, co-
mo a outro Jacob, a claridade da manhã todo fer-
moso , e todo amoroso , não já para o intimidar,
mas para o consolar feito homem como elle, nem
ainda entaõ se quiz render, antes de novo inten-
tou mayores defatinos: pois povo taõ obstinado
que nem com os medos da Ley velha , nem com
as caricias da Ley da graça se quer sojeitar, não ha
que esperar d'elle, nem que esperar com elle, por-
que

que he desesperada sua malicia, e por desesperada está pedindo ays: *Vae in eos qui penitus, &c. Illius salutem desperavit, &c.* E he excellente a prova que temos desta verdade nas mesmas palavras de nosso tema, porque aonde o Profeta chamou aos Judeos, gente que espera: *Gentem expectantem*, os ferenta tresladaraõ, e lhe chamaraõ: *Gentem desperantem*, ou *gentem desperatam*, gente que não espera, ou gente desesperada. Esperar, e não esperar contrarios parece que faõ, e quando couberaõ contrarios em hũ fojeito? se os Judeos he gente de esperanças, como he gente de desesperação? Tudo achareis em os Judeos esperança, e desesperação, a esperança he affecto de seu desejo, e a desesperação he effeito de seu engano, porque tanto se deixaõ cegar de sua esperança, que vem a ficar desesperada sua malicia: *Gentem expectantem, gentem desperatam, vae in eos qui penitus desperantur.*

E donde vinha ou donde vem a malicia dos Judeos ser desesperada? Hugo Cardial diz, que he: *Quia malitia eorum erat inveterata.* Porque sua malicia era velha, e he o mesmo que dizer que sua malicia era desesperada, porque era malicia de sangue, porque em seus pays, e avòs começou, e delles cõ o sangue se veyo comunicando a filhõs, e a netos, e como em o sangue se cõmunica sua malicia vê-se a conaturisar tanto com elle, que fica de todo irremediavel, e desesperada, de maneira, que assim como implica desnaturalizar-se hum homem de si mesmo,

mesmo, assim parece que implica que o que he Judeo por sangue o deixe de ser por profissão, porque a malicia he nelle não só herança de sangue, mas effeito de natureza: *Si mutare potest Æthiops pellem suam, & vos poteritis benefacere cum didiceritis malum*, disse Deos pelo Profeta Jeremias fallando dos Judeos, e monta tanto como se dissera, quando o cafre despir a pelle, e deixar a negregura então vós Judeos deixareis de ser os que sois, porque com o sangue aprendestes a ser os que não deveis. Santo Agostinho diz, que com estes termos não quiz Deos significar mais que húa grande dificuldade, que ha em hum homem deixar os costumes, que com o sangue, e leite bebo: *Quia difficile de malis nati, & inter iniquissimos educati mentem suam temperant ad disciplinam Dei sequendam*: Porém S. Jeronymo passa adiante, e diz que he verdade que o que se aprende he effeito do cuidado, e vontade com que se aprende, porém aquillo que se aprende com o sangue, e por meyo daquelles, que vos deraõ o sangue: *Quodam modo in naturam convertitur*, em certa maneira se converte em natureza, dizer logo aos Judeos: *Si mutare potest Æthiops, &c.* que quando o cafre mudar de pelle, mudaraõ os Judeos de malicia, foy para mostrar, que taõ irremediavel, e taõ desesperada he a malicia nos Judeos, como he no cafre a negregura; porque assim como he impossivel ao cafre despir a pelle, porque he nelle natureza, assim he impossivel

vel aos Judeos deixar a malicia, porque como cõ
o sangue a receberaõ, em certa maneira se lhe tro-
cou em natureza, pois em quanto durar nelles a
natureza, ha de durar a malicia, e só quando dei-
xarem de ser homens, deixaraõ de ser máos, assim
como o cafre só quando trocar a natureza muda-
rá a pelle, e despirá a negregura. E não sey se he
este o mysterio, porque o Profeta nas palavras de
nosso tema dizendo, que os Judeos haviaõ de es-
palhar sua malicia por todas as provincias do mún-
do, só nomeou a de Ethiopia: *Quæ est trans flumina
Æthiopiæ*; por ventura para que entendessemos que
todos os Judeos tinhaõ semelhança com os Ethi-
opes, e cafres, que era o que Deos lhe tinha lan-
çado em rosto pelo Profeta Amoz: *Numquid non
ut filii Æthiopum vos estis mihi filii Israel?* E com isso
nos declara, que taõ desesperada he a malicia nos
Judeos, como he no cafre a negregura: *Si mutare
potest Æthiops, &c.* Eu não tiro aos Judeos a liber-
dade que tem para serem bons Christãos se qui-
zerem, mas fallo pelos mesmos termos, com que
seus Profetas quizerãõ declarar huma como im-
possibilidade moral em que estavaõ, e em que es-
taõ, tudo porque sua malicia he desesperada por
começar em sangue, e se continuar com sangue
*Væ in eos qui penitus desperantur, quia malitia eorum erat
inveterata.*

Outras circunstancias tinha que cõsiderar nesta
malicia dos Judeos no brado que deo por todo o
mundo,

mundo, e no odio com que perseguem a Christo, e a sua Ley, como diz Ecumenio, porque de tudo se entendera melhor sua defesperação: mas chamão-me outras abominações que ha na India, como hoje ouvireis, e he força tocar algumas, ja que não he possivel discorrer por todas.

A primeira abominação que ha na India depois do Judaismo he daquelles que depois que com o Baptismo receberam nossa Santa Fé tornaraõ à gẽtilidade em que se criaraõ, e em que viveraõ seus antepassados, e como he peccado tambem de sangue, tambem he irremediavel, e defesperado. Idolatraraõ alguns dos da Tribu de Juda, e diz o Profeta Jeremias, que seu peccado ficou escrito, e esculpido em seus corações, como sobre laminas de Diamante: *Peccatum Juda scriptum est stylo ferreo in ungue adamantino super latitudinem cordis;* o que o Profeta quiz significar com estas palavras, diz Lyrano foy, que o peccado destes Idolatras foy irremediavel, e defesperado: *Ad significandum peccatum populi Juda insanabile.* Mas com ser o peccado destes Idolatras defesperado, e irremediavel, não o julgou Deos entaõ por tal, pois quando o mesmo Profeta o disse: *Cum recordati fuerint filii eorum ararum suarum.* Entaõ quando seus filhos se lembraraõ dos altares de seus pays. E monta tanto como se dissera Deos, diz o Angelico Doutor São Thomaz: *Cum malitia tua, ita consumata fuerit, ut filii patres imitentur in omnibus locis Idola colentes.* Quer dizer irremediavel, e defes-

desesperada foy a Idolatria dos da Tribu de Juda, mas não a julgou Deos por tal, senão quando vio que seus filhos faziaõ de novo sacrificios diante dos altares, e dos Idolos de seus pays, porque então se consumou a malicia dos pays, e então ficou de todo irremediavel, quando seus filhos cõ o sangue herdaraõ, e professaraõ suas Idolatrias: *Cum malitia tua, &c.* He verdade que vossos pays foraõ Idolatras, e que foy grande seu peccado, mas já póde ser que se elles tiveraõ conhecimento da verdade Evangelica, já póde ser que a receberiaõ cõ todo o coração, porque senão consumou sua malicia senão em vós quando vos lembrastes dos altares, e dos Idolos de vossos pays, prostrádo-vos diante delles para os adorar, e como não em vossos pays, mas em vós se consumou de todo sua malicia, em vós ficou de todo irremediavel, e desesperada: *Cum malitia tua, &c.*

Isai. 10. 1.

Outra abominação he daquelles que com as insignias que vedes trazê nas cabeças, estaõ mostrando que foraõ mestres de doutrinas falsas, e de erros verdadeiros. De gente desta casta fallou a letra o Profeta Isaias quando disse: *Væ qui condunt leges iniquas quid faciatis in die visitationis ne incurramini sub vinculo, & sub interfectis cadatis.* Examinemos todas as palavras, porque todas tem mysterio: *Væ qui condunt leges iniquas.* Ay dos que inventaõ doutrinas falsas: *Adversus hos de torquetur, & pervenit hoc væ,* diz S. Basilio, *in hos, inquam, qui patres.*

patres sunt falsi nominis scientia, & Scribae impiorum
dogmatum. Contra dogmatistas deo o Profeta este
ay: *Vae*, para nos defenganar que era sua malicia
desesperada: *Vae in eos*, qui penitus desperantur. Mas
porque ainda assim senão declarava de todo o
Profeta acrescenta: *Quid facietis in die visitationis.*
Visitare, diz Gabriel Oropes, *est inquirere diligen-*
ter in mores, & *crimina*. Que haveis de fazer quan-
do o Tribunal da Santa Inquição der com vos-
sos crimes para os castigar: *Ne incuruemini sub*
vinculo; não cayais com o pezo que trazeis atado
sobre vossas cabeças. Dos Escribas, e Phariseos
Dogmatistas disse Christo por S. Mattheos: *Alli-* Mat. 23.
gant onera gravia, & importabilia, & imponunt in hume- 3.
ros hominum, que fazião, ajuntavaõ, e atavaõ gran-
des cargas, que lançavaõ às costas de seus disci-
pulos. O nosso Maldonado: *Onera vocat proprias*
Scribarum, & *Phariseorum traditiones*, & *leges Scri-*
pturae contrarias. As cargas que atavaõ, e lançavaõ
às costas dos outros, eraõ os erros, e dogmas
que ensinavaõ contra a verdade da Escriptura.
Diz pois agora o Profeta Isaias: *Ne incuruemini sub*
vinculo; não cayais com o pezo que trazeis atado
sobre vossas cabeças, porque essa carga de erros,
e dogmas, que lançaveis às costas dos outros, to-
da hade vir, e ficar sobre vossas cabeças, como
testemunhaõ essas carochas, em que todos vossos
erros se representaõ: *Et sub interfectis cadatis*, e
fiqueis debaxo daquelles que matastes. Que quer
isso

isso dizer? S. Basilio: *Mors est anima eminentia, & falsa opinionis receptio, subter igitur hos concides, eorum enim quos interfecisti grave pondus tibi uni incumbit.* Em os discipulos dos dogmatistas o mesmo he receberem os erros de seus mestres, que ficarem mortos não nos corpos, mas nas almas, dizer logo o Profeta que os Dogmatistas haõ de ficar debaxo dos que mataraõ, foy para significar, que aos Dogmatistas se haõ de imputar, e que os Dogmatistas haõ de pagar todos os peccados que seus discipulos por sua persuasão tem commettido, porque a maldade taõ desesperada não basta hum sò castigo, mas castigo dobrado, hum pelos peccados que elles commetteraõ, e outro pelos peccados que commetteraõ seus discipulos: *Subter igitur hos concides: eorum enim quos, &c.*

Outra abominação he daquelles, que com feitiçarias, e tratos diabolicos parece que estaõ obrigando a Deos aos mayores rigores de sua justiça. Entendeo Saul que Deos lhe queria tirar o Reyno, e castigar a seus vassallos pelos peccados que elle tinha commettido. E tratando do remedio para aplacar a Deos, que vos parece que faria? Chorou seu peccado como David em outra occasião? Ou mandou apregoar penitencia por todo o Reyno, como o Rey de Ninive, quando foye de Jonas que dalli a quarenta dias a Cidade se havia de soverter? Nem hum, nem outro concelho seguiu Saul. Pois em que se resolveo?

O em que se resolveo foy mandar ajuntar todos os feiticeiros que havia no Reyno , e tirarlhes a todos as vidas : *Saul abstulit magos , & Ariolos , & interfecit omnes , qui pythones habebant in ventre.* Porque se persuadio Saul , diz S. Justino Martyr , que desta maneira se aplacaria Deos para lhe não dar a elle , e ao Reyno todo o castigo com que o tinha ameaçado : *Hoc factò se Deum conciliaturum sperans.* Outros peccados tinha Saul , e outros peccados tinha o povo , que mereciaõ bem o castigo , que Deos lhe queria dar , mas feitas bem as contas assentou Saul , que as feitiçarias , que havia em feu Reyno exasperaraõ a Deos de maneira que no ponto em que as acabava , ficava tirando a Espada da mão a Deos para que o não castigasse a elle , e ao povo como merecia. E parece que já entãõ havia no povo de Israel as feitiçarias , que agora se acharaõ na India , que são huns feiticeiros que ataõ, e prendem os diabos as pessoas que querem para se fervirem delles porque Saul não fò matou aos magos que são feiticeiros ordinarios, nem fò matou aos Ariolos, que são os adivinhadores , mas : *Interfecit omnes , qui pythones habebant in ventre.* Matou huns feiticeiros, que traziaõ aos diabos atados a suas entranhas , e os atavaõ a quem queriaõ; e como agora se deo com esta mà casta de gente na India , e hoje são castigados , podemos esperar , o que esperava Saul , que Deos leve mão dos castigos que tem:
dado,

dado, e pôde dar a este Estado pôr outros peccados que nelle ha.

Outra abominação, e seja a ultima, no lugar, e na graveza, he daquelles não sey cõ que palavras o diga, he daquelles, que cõmettem peccados, que nem fallar se pôdem; he daquelles que afrontaõ a natureza humana, escandalisaõ o mundo, e enjoaõ ao mesmo Ceo. Nascidos he verdade no jardim deleitoso da Igreja Catholica, bautifados com as sagradas agoas do Bautifimo, e criados com o leite purissimo de nossa Santa Fé, mas moradores nos arrebaldes de Sodoma; entre o fumo, e faifcas de sua abominação. Ah mal aja o diabo diz S. Bernardo: *Vae vae inimicus homo sulphurei illius incendii reliquias infelices circumquaque dispersit, execrabili illo cinere Ecclesiae corpus aspersit.* Ah mal aja o diabo, que não contente com espalhar as execraveis cinzas de Sodoma por esta mourama, e gentilismo, as veyo tambem lançar no meyo da Igreja Catholica para afronta do nome Christaõ, para opprobrio de nossa Religiaõ, e para descredito de nossa Fé: *Quibus hoc verbis, aut qua indignatione tantum nefas prosequar? Vincit officium linguae sceleris magnitudo,* dizia Lactantio Firmiano, digo eu tambem: desejo estranhar taõ grande maldade, mas faltaõ me palavras, porque a grandeza, e graveza do peccado he mayor, que toda a eloquencia humana.

Digo cõ tudo que saõ peccados taõ abominaveis estes,

estes, que parece que se peccata Deos delles, e em
certa maneira fendo a mesma pureza teme ficar
contaminado no castigo que lhe dà. Descrevendo
o Profeta Jeremias o castigo, que Deos deu à Ci-
dade de Sodoma, disse estas palavras : *Subversa est* Thren. 4.
in momento, & non ceperunt in ea manus. 6.
Duas coufas
diz o Profeta nestas palavras, primeira, que a-
quella Cidade foy assollada em hum instante : *Sub-
versa est in momento.* E como se isto fora ainda
muito tempo diz o Profeta a segunda coufa, e he
que quando Deos acabou de castigar, parece que
naõ tinha começado, e que nunca chegara com a
maõ a tal castigo. Bravo caso, e para que tanta pres-
sa? Porque he tal a Cidade, e taes os moradores
della, diz S. Greg. *In ipsa qualitate ultionis notavit
maculam criminis.* Na brevidade com que Deos cas-
tigou, mostrou a abominação do vicio, que casti-
gava; porque he taõ infernal, que parece chegou
Deos a se peccatar, e se safar delle com pressa por
fenaõ contaminar. E se buscarmos a raiz hebreã,
ainda havemos de dar mayor força a esta inter-
pretação, porque alguns modernos tresladaraõ:
*Subversa est in momento, & non prophana-verunt in ea
manus.* E foy como se dissera o Profeta, em hum
momento abrazou Deos a Sodoma, e mais naõ
profanou suas mãos, como se lhe naõ bastara a
Deos ser Deos, e o castigo naõ durar mais que hum
momento, para que fenaõ tivesse por milagre fi-
car cõ as mãos taõ puras como dantes; fendo Deos
casti-

castigou, e castigou em hum instante, e mais não
felhe próphanaraõ as mãos, grãde maravilha, por-
que de imundicia tão abominavel parece que em
certa maneira ao mesmo Deos em hũ instante que
castigou se podia temer contaminação, não por-
que nelle se possa dar, mas para com isso nos ac-
cautelar: *Subversa est in momento, & non prophana ve-
runt, &c.*

Vedes aqui gente desgraciada vossos peccados,
peccados defesperados todos, peccados de que a
terra se escandaliza, e peccados que assanhaõ ao
Ceo; delles não podeis vòs tirar mais que cõfusão
e mais confusão, pois vos tem chegado ao estado
em que vos vedes, aonde nos olhos dos homens se
vos hade ler, o que tanto vòs escondieis, e agora
tomareis ver mais que enterrado, e nos parece que
temos pouco que esperar; porque em peccados
desta qualidade, nã de arrependimento em vòs, nã
de perdaõ em Deos parece que podemos ter espe-
rança, porque vossa malicia vos tem trãcado o co-
ração, e vos tem aferrolhado o Ceo. Porém cle-
mentissimo Jesus, posto que isto he o que de sy
prometiaõ estes peccados, ainda Senhor vos hey
de pedir misericordia para esta gente; em trajo de
penitentes vem todos, e todos na meza deste San-
to Tribunal confessaraõ arrepedidos suas culpas;
vede piedosissimo Salvador a magoa com que se
lhe despedaçãõ os corações, vede as lagrimas, que
a muitos tem custado seus peccados, vede os pro-
positos

positos que todos tem de vos servir, e agradar ao
diante, e arrependimento de boca, de olhos, e de
coração bem merece que lhe não falteis com vossa
misericordia. Hora bom animo peccadores arre-
pendidos, bom animo; não vos hade faltar Deos
com sua misericordia, sejam vossos peccados quaes
quer que forem, mayor he a misericordia divina
que todos elles; o que importa he que assim como
a pedistes com a boca, a recebais com o coração,
porque com isso acertareis vosso remedio, e segu-
rareis vossa salvação.

SEGUNDA PARTE.

Tornemos agora à malicia Judaica, e já que a
consideramos em sy mesma, consideramola agora
por respeito a misericordia divina, e vejamos co-
mo avulta em sua comparação, porque depois de
o Profeta nos representar a malicia Judaica posta
em campo, e mandando embaxadores para a cõ-
servação da Ley de Moyfes, nos representa a mi-
sericordia divina tambem posta em campo, e mã-
dando embaxadores para a dilatação da Ley Evã-
gelica: *Ite ite Angeli veloces*. E se tomarmos o salto
mais de longe acharemos sempre em campo a ma-
licia judaica contra a misericordia divina em con-
tenda tão porfiada, que parece senão conhe-
ce ventagem de parte a parte.

Pelo Profeta Isaias falla Deos do povo Hebreo
debaxo da metaphora de húa vinha com os olhos
no passado, e no futuro, e diz que não faltou em o

officio, ou beneficio, que não fizefie a esta vinha:

Isai. 5.4.

Quid est quod debui ultra facere vineæ meæ, & non feci ei.

E comtudo o fruto que tirou della foraõ espinhas com que por fim o coroaraõ, afrontaraõ, e lhe tiraraõ a vida em hũa Cruz; porque aonde nõs lemos:

Et fecit labruscas; tresladaraõ outros, & fecit Spinās;

fora nunca acabar contar os muitos beneficios que

Deos fez a esta vinha, os muitos beneficios que

Deos fez aos Judeos, e os muitos malifícios, com

que os Judeos lhe corresponderaõ, basta que por

alto os cõtemos, para que entédais, qual foy Deos,

e quaes foraõ os Judeos. Tirou Deos aos Judeos

do cattiveiro em que estavaõ de Egipto com pro-

digios admiraveis; e os Judeos nos primeiros dous

annos depois de sua faida apostataraõ de Deos dez

vezes, fazendo-se idolatras; meteos Deos na terra

de promissaõ, que era o melhor torraõ de terra, que

tinha o mundo fazendo os Senhores de quãto nel-

la havia, e foraõ tantas as idolatrias, que ahi com-

metterãõ, que não tem conto; manda-lhes Prophe-

tas para que os ensinem, e a quasi todos tiraraõ a

vida; envia-lhes por ultimo remedio seu proprio

filho: *Fortē verebuntur filium meum*, parecendo lhe

que no respeito da pessoa segurava o remedio de

sua rebeldia; mas nem isso bastou, porque não def-

cançaraõ até o não crucificarem em huma Cruz.

Manda Deos embaxadores por todo o mundo pa-

ra estabelecer a verdade de sua Ley: *Ite Angeli ve-*

loces; e já os Judeos como disiamos tinhaõ manda-

do

do embaixadores para defacreditar a verdade da
mesma Ley. Contrapoem estes beneficios da par-
te de Deos, e estes malificios da parte dos Judeos
o Imperfeito sobre S. Matth. E diz desta maneira:
*Cōsidera quomodo per singulos gradus misericordiae divinae,
malitia judaeorum crescebat, & quomodo per singulos gra-
dus malitiae Judaicae Dei misericordia addebatur, & con-
tra clementiam Dei malignitas humana certabat.* Vòs não
vedes que em todo o discurso do bem que Deos
fazia a este povo, e do mal que este povo corres-
pondia a Deos; vòs não vedes que não parece que
era outra cousa senão huma batalha campal entre
a misericordia divina, e a malicia judaica, pois tal
foy, porque por cada beneficio achareis huma in-
gratidão; a misericordia divina desfazia-se em
merces, e a malicia judaica desfazia-se em aggra-
vos, e nem a misericordia divina cessava com os
aggravos que lhe faziaõ, nem a malicia judaica pa-
rava com as mercès que recebia, mas em hũa por-
fiada competencia batalhavaõ sem de parte a par-
te se conhecer ventagem: *Considera quomodo per sin-
gulos gradus contra clementiam, &c.*

Mas não he este o mayor encarecimento, senão
que chegaraõ a tanto desatino os Judeos, que pre-
sumiraõ poder mais por malicia, do que podia
Deos por misericordia; pouco foy para os Judeos
querer emparelhar sua malicia cõ a misericordia
de Deos, fumos de vencedores conceberiaõ, pare-
cendo-lhes que podia chegar sua malicia peccan-
do,

do, aõde não podia chegar a misericordia de Deos beneficiando. Tomemno por aggravo se lho não provar: *Quare ergo aversus est populus iste Hierusalem averseione contentiosa*, diz Jeremias fallando do povo de Jerufalem porque se apartou de Deos este povo com huma averfaõ competidora? Quiz o Profeta encarecer a obstinaçaõ da perfidia judaica, e diz que se apartou de Deos com averfaõ competidora; e com quem competia a perfidia judaica? Com quem? diz S. Jeronymo com a misericordia divina. A misericordia divina batalhava por trazer a sy os Judeos, multiplicando inspiraçoẽs, multiplicando avisos, multiplicando favores, e a perfidia judaica já fechando-se a inspiraçoẽs, já enfurdescendo-se a avisos, já desprezando favores forcejava contra a misericordia divina; e que pertendia com tanto forcejar, e resistir? Pertendia não o gosto do peccado, mas a gloria do vencimento, diz S. Jeronymo: *Aversus est populus iste averseione contentiosa, id est, quanto magis ego ad pœnitentiam provocavi, tanto illi plus recesserunt à me, non tam peccandi studio, quam me superandi*. Pertendia a perfidia judaica com a resistencia que fazia não o gosto do peccado, mas a gloria do vencimento, porque vendo os grandes empenhos com que a misericordia divina a pertendia render, forcejava não por resistir, mas por vencer; nem a valentia do contrario, que era Deos, nem os extremos com que se empenhava, que eraõ muitos, fez defacorçoar aos Judeos, mas
 contra

contra tudo batalhavaõ parecendo-lhe que poderiaõ mais por malicia , do que Deos por misericordia : *Tanto illi plus, &c.*

Mas nem assim desistio Deos da empreza , fe-naõ que allevantou este fagrado, e Apostolico Tribunal do Santo Officio, para que fizesse na terra as vezes do mesmo Deos , e a meu juizo dos ministros do Santo Officio falla o Profeta quando diz: *Ite Angeli veloces* , porque como o Profeta chama por elles para acodirem, e se opporem aos embaxadores dos Judeos na confervaçaõ da Ley de Moyfes : aos ministros do Santo Officio se davaõ estas vozes, porque elles saõ os que direitamẽte se oppoem à Ley de Moyfes, e aos que nella querẽ continuar, e ainda hey de dizer mais, e he, que se estes embaxadores de Jerusalem eraõ em particular mandados a esta India, como dissemos ao principio, para aqui calumniarem a Ley de Christo, e confirmarem a dos Judeos : com Inquisidores da India fallava o Profeta, e a estes encommendava que se apressassem para redusirem , e unirem a Christo os Judeos, que aqui ouvesse: no que elles se mostraraõ, e mostraõ de presente taõ cuidadosos, e diligentes, que saõ naõ só o credito de suas obrigações , mas admiraçaõ aos que os consideraõ. Ao Profeta Zacharias mostrou Deos hũa fermosa pedra, e sette olhos sobre ella: *Super lapidem unum septem oculi.* Todos os Doutores dizem que nesta pedra se representava Christo nosso Salvador,

dor, porque elle he a pedra angular, fundamen-
tal, e preciosa de sua Igreja: e os olhos que signi-
ficaõ? Lyrano diz que significaõ os Anjos que ser-
vem a Christo nõ governo de sua Igreja. S. Pedro
Damiaõ diz que significaõ os Sacerdotes ministros
confagrados para o serviço de Christo, porèm ou
fossem homens Sacerdotes, ou Anjos celestiaes, o
seu officio era vigiar sempre, e estar com huma
continua centinela sem nunca descanfar. E isso
porque? Vatablo: *Ad curandum ut Judæi uni illi lapi-
di inserantur.* O que pertendiaõ olhos taõ vigilan-
tes, e cuidadosos era unir a Christo os Judeos, que
delle andavaõ apartados: *Ad curandum, &c.* O nu-
mero destes olhos, e o officio me faz parecer, que
vejo nelles retratado este Tribunal do Santo Of-
ficio. O numero, porque se estes olhos eraõ sette,
tambem saõ sette de ordinario os ministros prin-
cipaes deste Tribunal. Dous Inquisidores, quatro
Deputados, hum Promotor. O officio, porque se
o officio destes olhos era unir à pedra Christo os
Judeos que delle andavaõ apartados, tambem o
principal officio, e cuidado dos ministros deste
Tribunal he unir a Christo os Judeos apostatas.
Nem he contra esta imaginaçaõ, antes muito con-
forme a ella, dizerem huns que nestes olhos se re-
presentavaõ homens Sacerdotes, e outros, Anjos
celestiaes, porque já o nosso Profeta aos ministros
deste Tribunal sendo homens lhe tinha chamado
Anjos: *Ite Angeli veloces*, porque tudo saõ os
minif-

ministros do Santo Officio, são homens, e são Anjos; homens na brandura para se compadecerem, e Anjos na valentia para vingarem as offensas feitas contra Deos, homens na misericordia, e Anjos na justiça, homens na semelhança, que tem com os outros homens, e Anjos na vida pelo exemplo de suas pessoas, mas sendo homens, e Anjos são sempre olhos, e olhos sempre abertos na continua vigilancia, e no continuo trabalho, com que trataõ do serviço, e honra de Christo: *Super lapidem unum septem oculi.*

● Mas já que aqui chegamos, pergunto porque em olhos são representados os ministros deste Santo Tribunal? Huns dirão que a razão he, porque os olhos como diz S. João Chrysoft. he parte mais nobre, e mais fermosa de hum corpo humano; tão to que mais parecem os olhos membro da alma, que membro do corpo: *Hoc est enim membrum omnium in nobis nobilissimum, & speciosissimum, atque, adeo ipsius animæ membrum.* Pois com muita propriedade se chamaõ os ministros deste Santo Tribunal olhos, porque são a parte mais nobre, e mais fermosa deste corpo mystico da Republica Christãa, na qual he verdade que ha muitos Tribunaes, mas em todos elles se trata, ou de bens temporaes, ou de bens tocantes ao corpo, da fazenda, da honra, e da vida; mas este Santo Tribunal he membro tão fermoso deste corpo, que não parece senão membro da alma, porque não se tra-

Exod. 18.
19.

taõ nelle fenaõ coufas pertencentes à mesma alma. Quando Iethro disse a Moyfes, que instituisse novos Tribunaes, e que nomeasse juizes para que julgassem o povo, lhe disse tambem a elle: *Esto tu populo in his quæ ad Deum pertinent.* E conforme o parecer de Abulense: *Nihil aliud volebat dicere Iethro nisi ut Moyfes esset judex in pure Spiritualibus;* nas quaes palavras nenhuma outra coufa quiz dizer Iethro a Moyfes, fenaõ que elle fosse o Juiz nas materias puramente Espirituais. Se Iethro com a Instituiçaõ de novos Tribunais naõ pertendia fenaõ descarregar, e alliviar a Moyfes, porque lho naõ encomendou tambem que instituisse Tribunal particular, e creasse juizes para as causas meramente Espirituais? A razãõ he facil, porque causas meramente Espirituais naõ se podiaõ fiar fenaõ do zelo, e espirito de Moyfes, porque a gravidade, e importancia de taes materias requiriria o zelo, e espirito de tal pessoa, e assim foy força que corressem sò por conta de Moyfes. As causas meramente Espirituaes, que antigamente se fiavaõ sò de Moyfes, fiaõ agora as Santidades de nossos Pontifices, e as Magestades de nossos Reys dos ministros do Santo Officio, porque como saõ olhos nobilissimos, fermosissimos, e membros da alma, por sua conta devem correr materias, e coufas meramente Espirituaes que pertencem à mesma alma.

Outros diraõ que se representaõ em olhos os
minif-

ministros deste Tribunal, porque os olhos como diz Santo Isidoro: *A verbo oculo dicuntur*, os olhos se chamaõ olhos do verbo, *oculo*, que quer dizer esconder. E não ha Tribunal aonde melhor se escondaõ, e guardem em segredo as coufas, que neste Tribunal; he segredo dizemos da Santa Inquisição, e he o encarecido de todos os segredos. Naquelle gravissimo Tribunal, que S. Joaõ vio no Ceo em seu Apoc. em que Deos presidia, sendo Anjos, e Bemaventurados os deputados, diz São Joaõ, que depois de se concluirem as materias que nelle se trataraõ ficaraõ todos em hum grande silencio: *Factum est silentium in caelo*. O Angelico Doutor Santo Thomaz, tomando-o de S. Gregorio, diz que neste silencio se significa o segredo, que Deos encomendou nas materias que se haviaõ tratado: *Silentium secundum B. Greg. intelligitur secretum*. Porque como a alma de todo o bom governo seja o segredo, não quiz Deos que ainda no Ceo se faltasse nelle. Porèm Montel diz que aquelle silencio não foy senaõ verdadeiro silencio, e que Deos depois de communicar naquelle Tribunal altissimos mysterios a seus concelheiros, os obrigou a que não fallassem, e a que ficassem calados por algum tempo *Quasi*, continua o mesmo author, *Quasi difficile sit secretum, ubi non est omnimodum, & mutuuum silentium*. Porque he muito difficuloso o segredo, aonde não ha hum total, e mudo silencio. Pois para que Anjos, e Bemaventurados

Apoc. 8.1.

dos não revelem os segredos dos mysterios que se lhe communicaraõ, não se lhe encomende segredo, mas mande-se-lhe, que não fallem, porque se fallaraõ não sey o que ferà do segredo. He exaggeraçãõ para doutrina nossa, mas se tem alguma apparencia; digo que o Tribunal da Santa Inquisiçaõ podera ser escola de segredo a Anjos, e Bemaventurados, pois sendo que os ministros del-
le trataõ, fallaõ, e conversaõ com os mais homês, o segredo das coufas pertencentes ao Santo Officio està taõ inteiro, e taõ seguro, como se nunca lhe entrara no coraçãõ.

Outros diraõ que se representaõ em olhos os ministros deste Tribunal, porque os olhos como diz Santo Anselmo, saõ symbolo da concordia, e uniaõ, porque não olhaõ hum para aqui, outro para alli, mas ambos sempre conformes para a mesma parte. Pois quem mais olhos, que os ministros deste sagrado Tribunal taõ conformes, taõ unidos nas materias de seu officio, que parece que não tem mais que huma sò vontade, e hum sò entendimento? A' porta do Paraíso Terreal para sua guarda poz Deos não hum sò, mas muitos Cherubins: *Collocavit ante paradisum Cherubim*. Muitos Cherubins digo, porque como confessaõ todos os Expositores neste lugar Cherubim he plural, e significa muitos, porque se fora hum sò Cherubim, dissera o Texto Sagrado Cherub, e não Cherubim. Hora com ser que os Cherubins que
Deos

Deos poz para sua guarda no Paraíso eraõ muitos, a todos não lhes deo mais que huma fõ espada: *Collocavit ante paradisum Cherubim, & flammeum gladium ad custodiendam viam ligni vite.* Tantos guardas, tantos Cherubins, e huma fõ espada? Ou he que estes Cherubins tem necessidade de espada para defender o Paraíso, ou não tem necessidade? Se tem necessidade, porque não tem todos espada, e se não tem necessidade para que he huma espada? O' entendey o mysterio diz Ruperto: Os Cherubins que guardaõ o Paraíso são muitos, mas a espada he huma fõ, porque essa espada significa a sentença do Divino Juizo, que Deos lhe tem encomendado: *Gladius sententia est Divini Judicii.* E em Juizo Divino, em juizo donde se trata da honra de Deos, não quer Deos que aja discrepancia de sentença, e disconveniencia de pareceres; os juizes sejaõ embora muitos, e sejaõ Cherubins sabios, que juiz que não sabe, não he para ser juiz, mas a espada, a sentença, o parecer hade ser hum fõ; porque ainda que muitos, e ainda que sabios, nem a multidaõ, nem a sabedoria, que sempre foy amiga de juizo proprio, os hade fazer sentir diversamente, com huma fõ espada haõ de pelejar todos, e todos com huma fõ sentença haõ de absolver, ou condenar aos que vierem a seu juizo. Que fermoso retrato do Tribunal do São Officio! tantos assistem nelle como vedes, e todos Cherubins sabios, que guardaõ o Paraíso da Igreja

Catho-

Catholica, para que não entrem nelle alguns monstros da heretica pravidade; mas para condemnar, ou absolver, não tem mais que huma só espada, hum juizo, hum só entendimento, sempre unidos, sempre conformes, porque são olhos de Christo: *Super lapidem unum septem oculi.*

Mas seja embora assim como até agora discurfamos, que eu ainda por cima de tudo isto me atrevo a dizer que se representa em olhos os ministros deste Sagrado Tribunal, porque os olhos como diz Aristoteles: *Ignæ cujusdam naturæ sunt.* Porque os olhos em sua composição tem muito de fogo, e nisto me parece que são os olhos muito parecidos a Inquisidores, e Inquisidores a olhos. Antes direis vós nisto senão ouveraõ de parecer olhos, e Inquisidores, porque Inquisidores como Vigairos que são da misericordia de Deos he necessario que sejaõ a mesma brandura, e a mesma humanidade; e o fogo he hum tiranno abrazador, que desfaz, e consome quanto acha diante, pois como se podem parecer Inquisidores com olhos, por terem muito de fogo? Ainda o torno a dizer, não me arrependo, que se representa os ministros deste Tribunal em olhos, porque os olhos tem muito de fogo: mas heyme de declarar com outro passo.

Vio o Profeta Daniel a Deos nosso Senhor assentado em hum throno para julgar o mundo, e disse, que o throno era todo feito de labaredas:

Thronus ejus flammæ ignis. Hé possível, que o throno Dan. 7. 9.
de Deos he todo de fogo, elemento furioso, e im-
placavel? Não he assim que Deos julga o mundo
com muita placabilidade, e mansidão: *Tu autem do-
minator omnium cum placabilitate omnia judicas?* Pois
como se compadece tanta placabilidade, e mansi-
daõ com hum elemento taõ bravo, e furioso de
que Deos se mostra cercado, ou para melhor di-
zer armado contra aquelles, que haõ de parecer
em seu juizo? Certo que a duvida me atalhava, se
não fora hum grande Escriurario de minha Sagra-
da Religiaõ, que no mesmo fogo achou tres pro-
priedades que só ellas pòdem declarar as ventagões
do Tribunal, e Juizo de Deos; porque diz que o
fogo tem claridade, tem efficacia, e tem ardor; he
logo o Throno do Tribunal de Deos de fogo,
porque tem claridade, tem efficacia, e tem ardor;
tem claridade, porque Deos não julga às escuras,
mas com perfectissimo conhecimento das culpas,
e das pessoas; tem efficacia, porque não ha quem
possa impedir a execuçaõ do Juizo de Deos; e té
ardor, não porque condene com desejo de vingã-
ça, mas sò com zelo da verdade, e da justiça; ou
tem ardor, que o outro torna mais puro, e abraza
as materias baxas, quer dizer que Deos àquelles
que forem Santos, e justos os hade afermoshear com
resplandores de gloria, mas a mãos, e peccadores
os hade abraçar com incendios eternos. Suposto
isto, fazey agora volta ao que vos eu dizia que os
mini.

ministros deste Tribunal se representaõ em olhos porque têm muito de fogo , e entenderéis que he porque nelles se acha do fogo a claridade, e efficacia, e o ardor; nelles se acha a claridade, porque não condenaõ às escuras, mas com grande conhecimento de culpas, e das pessoas, e para isto se fazem exquisitissimas diligencias; nelles se acha efficacia, porque não ha poder que impida a execução de suas determinações porque a Fé, que zelaõ, e defendem, tudo lhe fogeita; nelles se acha ardor, ou porque não ha nelles, nem pensamento de vingança, mas sò o puro zelo da verdade, e da justiça, ou porque aos bons, como ouro tornaõ mais puros, livrando-os muitas vezes das calumnias, cõ que perigava sua fama, e seu bom nome ; e aos mãos como materias vís , e baixas, que não querem nem conhecer, nem confessar suas culpas, os abrazaõ relaxando-os ao braço secular , para que os faça em pó, e em cinza : como hoje se farà a effes que ahi vedes em carne , e em estatuas com as insignias de fogo, que os espera. O' quanto melhor vos fora peccadores impenitentes aproveitarvos da claridade destes olhos do que experimentardes seus ardores ; claridade tiveraõ de vossas culpas, porque todas lhe foraõ manifestas, mas em tanta claridade sò vòs ficastes às escuras , querendo , ou com vossas negações , ou com vossas simuladas confissoões encobrir o que a claridade destes olhos tinha descoberto; mas já que não quizestes

tes aproveitarvos de sua claridade, experimentaréis seus ardores no fogo, em que se haõ de abraçar vossos corpos, e queira Deos que não seja no fogo em que se abracem vossas almas.

A Christo vio S. Joaõ em seu Apoc. e diz que tinha os olhos como brazas: *Oculi ejus tanquam flamma ignis.* O nosso Alcaçar, diz que em todo o Apoc. se representaõ duas iras de Deos, huma mais antiga contra os Judeos, e outra mais moderna contra Idolatras, e que huma, e outra mostrava Christo nos olhos abrazados: *In oculorum ardentium Symbolo utramque iram, tam primam in Judeos, quam novissimam in Idolatras indicari.* Para Judeos, e para Idolatras tem Christo fogo nos olhos, e porque Christo não lhe mostrou esse fogo na mão, senão nos olhos? Para que acabem de entender Judeos, e Idolatras sua desventura, porque sendo os olhos de Christo fontes de toda a misericordia são tão desgraçados Judeos, e Idolatras, que nesses mesmos olhos, donde poderaõ como de fontes tirar agoa da graça, e de misericordia, ahi mesmo achaõ fogueiras de chamas abrazadoras, que os haõ de tornar em pò, e em cinza. Mas posto que esses olhos de Christo tem fogo para Judeos, e Idolatras, não he para todos os Judeos, e para todos os Idolatras, mas fò para Judeos, e Idolatras relapsos, negativos, e impenitentes, diz Richardo de Santo Viçt. *Oculi ejus veluti flamma ignis sunt, quia incorrectos exurit incendio damnationis.* Incendios

Apoc. 1:

14.

de condemnação Idolatrá verdadeiro , e Christão fingido estaõ para cahir hoje sobre ty, e sobre essas offadas, e estatuas de outros Idolatras, e Judeos ausentes , e praza a Divina Magestade , que esses incendios se ateeem sò no que vemos para que por meyo desse castigo se purifiquem as almas dos peccados em que viveraõ, e fiquem livres dos fogos eternos, que mereciaõ,

A estes olhos pois nobres por officio, abertos por vigilancia, fechados por segredos, conformes por uniaõ, e abrazados por claridade, por efficacia , por ardor , e por zelo podemos agradecer a pureza de nossa Fé , que sobre a pedra Christo se sustenta, porque se elles naõ foraõ, ou a visinhança do Paganismo, e Mourama entre que vivemos, tivera profanado nossa Religiaõ, ou a Heregia que navegou de Europa para cá com nossos mayores inimigos tivera causado tanto dano em nossa Fé, como elles tem causado em nossas Conquistas, mas muitas graças a estes olhos, porque elles sós bastaõ para vigiarem este Estado, ainda que taõ dilatado, e estendido; e o alimparem dos erros que se lhe pegaõ dos Gentios, Mouros, e Hereges , que nelle andaõ.

Levantou ElRey Josaphat em Jerusalem hum Tribunal, em que entravaõ dous Sacerdotes chamados Elifama , e Joram , e alguns Levitas , que eraõ os letrados da ley, e alguns seculares fidalgos de sua Casa. E para que levantou Josaphat este

Tribu-

Tribunal ? Abulense : *Ad inquirendum de heretica pravitate.* Para inquirirem da heretica pravidade. E ajunta logo Abulense: *Sic enim sunt apud nos Inquisitores hereticæ pravitatis, qui inquirunt in eos, qui sunt infamati de hæresi.* Bem, e de maneira que entre nós ha Inquisidores da heretica pravidade, que inquirirem daquelles , que estão infamados de Heregia. Quer logo dizer Abulense , que o Tribunal que levantou Josaphat foy hum Tribunal de Inquisição , no qual presidiaõ os dous Sacerdotes Elifama , e Joram , como diz o mesmo Abulense : *Isti duo sacerdotes erant quasi principes eorum in hoc opere.* Os Levitas letrados da ley eraõ os Deputados; e os Fidalgos seculares eraõ Familiares, taõ nobre principio tiveraõ os Familiares do Santo Officio, que em materias de Fé, os que faõ mais Fidalgos se prezaõ de servir como Familiares. E notay Judeos de caminho, que o Tribunal da Santa Inquisição não he invenção nova da Ley da graça, mas traça antiga da Ley velha para remedio de vossa rebeldia. Hora bem, e que occasião teve Josaphat para levantar este Tribunal da Inquisição ? A occasião foy diz Abulense , porque o Reyno todo estava idolatra , quando Josaphat tomou posse delle, e como muitos se converteraõ á verdadeira Fé , e crença , havia alguns que não estavaõ bem doutrinados , e firmes nas materias da Religiaõ , mas achavaõ se alguns erros nelles , e para alimpar o Reyno destes erros instituio Josaphat o

Tribunal da Santa Inquiſiçãõ : *Nam cum converſus eſſet totus populus ad Idolatriam, & poſte à relinquerent illam, poterant eſſe aliqui non bene firmati circa credulitatem;* e com ſer hum fó Tribunal em todo o Reyno, que era muito grande, deraõ-fe taõ boa diligencia os ministros delle, e trabalharaõ tanto que elles fõs baſtaraõ para alimpar, e purificar o Reyno de todos os erros, que nelle havia. Todas as terras, que temos neſte Estado Oriental foraõ povoadas de Genticos, e de Mouros, e poſto que muitos ſe converteraõ à noſſa Santa Fé, como temos viſto, huns por falta de doutrina, e outros por deſcuido ſeu naõ deixaõ de ter alguns erros, mas baſta eſte Tribunal da Santa Inquiſiçãõ que nelle ha para purificar de todos os erros a eſte Estado, ainda que taõ eſtendido, e dilatado. E ſe me perguntardes quem foy o Joſaphat, que neſte Estado meteo o Tribunal do Santo Officio, digo que foy o meu glorioſo Padre, e Apoſtolo do Oriente S. Francisco Xavier, porque tanto inſtou de cà com cartas ſuas, até que ſe mandou de Portugal o primeiro Inquiſidor, que teve eſta Inquiſiçãõ, que foy Aleixo Dias Falcaõ, no anno de 1560. Tudo teſtemunha o doutiſſimo Padre Frey Antonio de Souſa da Sagrada Religiaõ dos Prégadores, naquelle ſeu tratado de ouro, que fez de Aphoriſmos de Inquiſidores. Digamos logo que na Ley velha o primeiro que meteo o Tribunal do Santo Officio na Republica Hebreã foy Joſaphat,

phat, e na Ley da graça o primeiro que meteo o Tribunal do Santo Officio na Republica Chriftãa foy o Santissimo Patriarcha S. Domingos, primeiro Inquisidor Apostolico, que por sy, e por seus Religiosos governou as principaes Inquifções da Christandade por espaço de 300. annos, e em tempo de 49. Summos Pontifices, que tantos ha de Innocencio III. até Paulo tambem III. mas o primeiro que meteo o Tribunal do Santo Officio neste Oriente foy S. Francisco Xavier, e assim não pòde deixar de ter grande parte no merecimento dos muitos serviços, que nelle se fizeraõ, e fazem a nosso Senhor, e dos muitos trabalhos com que nelle se procura a mayor gloria de Deos, e o mayor augmento de nossa Religiaõ.

TERCEIRA PARTE.

No terceiro lugar dizia eu, que avia de mostrar a malicia Judaica considerada por respeito à Justiça divina no castigo, que lhe deo. E pòde ser que por esta via vos pareça a malicia judaica mayor que nunca, porque assim como não ouve povo, que mayores mercès recebesse de Deos, que o povo Judaico, assim não ouve povo, que tivesse mayores castigos do que elle teve. Isso denotaõ as palavras de nosso tema: *Ad gentem convulsam, & dilaceratam; ad populum terribilem, post quem non est alius miserabilior*, conforme a grofa de Nicolào de Lyra. Ainda que eu agora começara a prégação não vos pudera dizer todos os castigos, que Deos deo

ao povo Judaico. Mas digo que foraõ tantos os castigos que Deos lhe deo, que nẽ Deos teve mais castigos, que dar, nem os Judeos havia jã parte alguma em que os receber. Tudo disse o Profeta Isaias em brevissimas palavras : *Super quo percutiam vos addentes prævaricationem.* Como vos castigarey Judeos fenaõ deixais nunca de peccar : *Hæc vox*, diz S. Basilio, *est animi non habentis in promptu quid statuat.* Estas palavras estaõ mostrando que Deos se achava perplexo, e duvidoso nos castigos, que havia de dar aos Judeos. Deos perplexo, e Deos duvidoso? Sim, diz S. Jeronymo, porque de sua parte naõ achava Deos castigo de novo que lhes dar: *Nullas invenio plagas quibus vestram frangam duritiem.* E Cyrilo Alex. *Inflictum est vobis omne genus iræ, & supplicii.* Naõ achava Deos de sua parte castigo de novo que lhes dar, porque tinha jã esgotado com elles todos os seus castigos; e da parte dos Judeos naõ achava Deos parte em que os castigar, porque em todas os tinha jã ferido, diz S. Jeronymo: *Omnia membra vestra plena sunt vulnerum, nullam partem corporis, quæ non sit ante percussa, reperio.* Naõ achava Deos da sua parte castigo de novo que dar aos Judeos; porque tinha esgotado com elles todos os castigos, deo-lhes pestes, fomes, guerras, cativerios, desterros, e afrontas, e naõ achava mais generos de castigos, com que os affligir. Nem da parte dos Judeos achava Deos parte em que os castigar, porque em todas os tinha já ferido. Fe-

rio-os nos corpos tirando-lhes as vidas, porque a-
lém de hum milhaõ, e cem mil Judeos que Tito, e
Vespasiano mataraõ no cerco de Jerufalem, o Em-
perador Adriano tornando depois a Palestina, fez
tal matança que affirmãõ gravissimos AA. que ma-
tou sette milhões de Judeos. Ferio-os na alma, ti-
rando-lhes todas as coufas, que eraõ alivio de suas
almas, porque lhes tirou o Templo, tirou-lhes o
Sacerdocio, tirou lhes os Sacrificios, tirou lhes as
Escritturas, tirou-lhes as Profecias. Ferio-os na li-
berdade fazendo-os cativos, e por taõ vil preço,
que chegou Vespasiano a vender trezentos Judeos
por huma tanga. Ferio-os na honra com oafro-
tofo desterro, que padecem pelo mundo feitos es-
carneo, e opprobrio de todas as nações; de ma-
neira que nem os Mouros os querem admittir à
sua infame Seita de Mafemedede, sem primeiro se
fazerem Christãos, para com isso despirem a des-
honra, que tem em serem Judeos. Em resoluçaõ
nem Deos tem mais castigos, que lhes dar, nem
elles tem já em que os receber, e como não deixaõ
ainda de ser os que são metem em perplexidades
a divina Justiça, pois por huma parte não ha já
castigos que lhe dar, nem elles tem em que os re-
ceber, e por outra parte não deixa sua malicia cõ
peccados de merecer novos castigos: *Super quo, &c.*

Pois que remedio? Outro castigo. E se Deos
não tem já castigos que lhes dar, nem elles parte
em que os receber, que castigo lhes hade dar? Ou-

tro mayor castigo que todos esses, e he deixar de os castigar, porque essa he a quinta substancia de todos os castigos. Assim lho promereo Deos pelo Profeta Ezechiel: *Et requiescet indignatio mea in te, & auferetur zelus meus à te, & quiescam, nec irascar amplius.* Desengano Judeos diz Deos, que hade parar minha indignação, e meu zelo, e não vos hey de castigar mais. Pois Senhor isso parece que he o que elles querem? E isso o que podem desejar, porque com isso se veraõ livres dos affoutes, com que sempre lhe andais sobre as costas. Estais enganados, diz Cassiano, porque o não castigar Deos he o mayor de todos os castigos: *Præ cæteris pœnis gravius judicandum est.* E S. Jeronymo parece que deo a razão em humas palavras, que disse sobre este lugar: *Ex quo perspicimus grandem offensam esse nequaquam curæ habere à Deo, sed permitti hominem sceleribus suis, atque peccatis.* Porque deixar Deos de castigar a hum homem he desemparalo, e o mesmo he desemparalo, que deixalo cair em novas culpas, e peccados, logo o não castigar Deos he permittir peccados, e he castigar peccados com permittir novos peccados, e esse he o mayor castigo que se pòde imaginar, porque em quanto Deos castiga culpas com penas, pòde haver esperança, que com essas penas se satisfaça de todo por essas culpas, mas quando Deos castiga culpas com permittir novas culpas, não pòde haver esperança de satisfaçãõ, porque as culpas que se permittem taõ

fóra estaõ de satisfazer pela passada, que antes estaõ pedindo novas penas. E como a culpa dos Judeos principalmente em tirarem a vida a feu, e nosso Salvador foy a mayor de todas as culpas, naõ lhes bastaraõ tantas penas, e castigos, que né Deos tivesse mais que dar, nem elles mais em que os receber, mas foy necessario outro novo castigo, e foy deixar de os castigar, e permittir que caissem em novas culpas para vingar sua culpa cõ novos culpas que he o extremo do rigor de sua Justica.

Agora por remate desta prégação, digo que por aqui haõ de começar as boas novas, que este anno havemos de mandar a Portugal, novas dos castigos, que neste publico cadafalso se deraõ aos delinquentes em materia da Religiaõ, e persuadome faõ novas, que a Magestade delRey nosso Senhor que Deos nos guarde, hade estimar mais, que as novas que lhe mandamos dos grandes applausos, com que o acclamamos, com que o juramos, e com que o obedecemos neste Oriente, pois lhe fica com isto nova razãõ de se ter mais por Rey deste Estado, do que com a obediencia que lhe devemos. Em Betlem foy David unguido por Rey, e em Hebron tomou posse do Reyno, e foy acclamado de todo Israel, e sendo que logo se poz em sua obediencia a Cidade de Jerusalem, nem David se chamou Rey de Jerusalem, nem Jerusalem se chamou Cidade sua, senaõ depois quan-

do os Jebuseos Idolatras que estavaõ encastella-
dos em huma Torre de Jerusaleem foraõ lançados
fora, e castigados; porque como David era Santo,
e justo, achou que não convinha chamarie Rey de
Jerusaleem, nem que Jerusaleem se chamasse Cida-
de sua, sennaõ depois que nella se defencastella-
raõ, e castigaraõ Idolatras, porque entaõ lhe cha-
mou: *Civitas David*, Cidade de David. Quatro
annos ha pouco menos, que o no^o Monarcha
tomou posse da Coroa de Portugal, e tres que
neste Oriente foy obedecido, porém como a I-
dolatria, a Heregia, e maldade estava encastellada
em muitos dos que pareciaõ vassallos seus, estou
para dizer que nem elle se podia chamar Rey da
India, nem a India se podia chamar sua; mas co-
mo já vemos defencastellada a Heregia, a Idola-
tria, e maldade, e vemos que he hoje publicamen-
te castigada, já se pòde chamar Rey da India, e já
a India he toda sua, com a mesma verdade, com
que Jerusaleem se chamou Cidade de David.

E confirmo-me nesta imaginaçãõ, porque até
agora não tivemos novas das felicidades de Por-
tugal, que as não tivessessemos tambem da muita
piedade, e religiaõ do nosso Monarcha, como te-
reis advertido todos estes annos. E agora naquel-
le acto religiosissimo, que nos escrevem, com que
antes de se partir para Evora foy em pessoa à Sé
buscar o Santissimo Crucifixo, que em sua accla-
maçãõ despregou o braço, como quem naquelle
Deos,

Deos, e naquelle braço punha todas as suas esperanças das vitórias que desejava na empresa para que se partia. E porque no mesmo tempo estando na Sè se abriu o Sacrario do Santissimo, lançou logo por terra o bastão, não o querendo outra vez tomar até fenaõ fechar o Sacrario, ou porque se desconhecia a sy de Rey diante da divina Magestade, em cuja presença só queria parecer humilde servo; ou porque estimava mais a Religiaõ, com que venerava a Deos, que o bastão, e que o Cepetro, e Coroa, que possuia, e quem tão solícito, e primoroso se mostra no culto, que se deve a Deos, não pôde deixar de estimar mais, que o mesmo Reyno, as novas do castigo, que se dá aos que faltão nelle. E posto que desta piedade, e religiaõ do nosso Monarcha pudéramos fazer não só esta, mas outras acertadas consequencias das venturas, que estão profetizadas ao nosso Portugal, eu não quero que canceis o entendimento com discursos, mas que abrais os olhos, e vejais o que nos primeiros tres annos do nosso novo Rey, e Reyno tem acontecido, e entenderéis que tem Deos confirmado nossas felicidades.

Tratando a Escriptura Sagrada de Josaphat Rey de Judá, diz que Deos lhe confirmou o Reyno em sua mão: *Confirmavit Dominus regnum in manu ejus*, Abulense comentando este lugar diz: *Regnum confirmatur quando Rex novus, qui non habet adhuc secure regnum, incipit illud habere secure.* Entaõ se

confirma o Reyno quando o Rey novo, que o não possuia com segurança, o começa a possuir seguramente; e ve-se esta segurança, e firmeza em duas cousas, huma da parte dos vassallos, e outra da parte dos inimigos, da parte dos vassallos obedecendo perfeitamente, e da parte dos inimigos chegando a estado, que não possam fazer danno: *De subditis quod perfecte obediunt, de hostibus, quod nocere non possint.* E tudo teve Josaphat, porque da parte dos vassallos veyo a conseguir huma concordia muito firme, e huma obediencia muito perfeita: e da parte dos inimigos não tinha que temer, porque fortificou tambem suas fronteiras, e ajuntou tão grandes exercitos, que tirou a esperança aos inimigos de poderem contra elle prevalecer. E todas estas cousas conclue Abulense, foraõ obra de Deos, porque Josaphat acabou mais depressa, do que nenhum outro homem as podia acabar: *Et istud factum est favente Deo, quia velocius, & brevius ista consumavit, quam alius consummare potest.* E fazendo eu diligencia em quanto tempo acabou Josaphat todas estas cousas, pois diz Abulense, que foy com tanta pressa, que nella se conheceo ser obra de Deos, acho que foy no terceiro anno de seu reynado: *Tertio autem anno regni sui.* E poder hum Rey, que entrava de novo em hum Reyno descaido, e quebrantado, como entaõ estava o de Judá, poder dentro em tres annos conseguir entre os vassallos huma tão perfeita

ta obediencia, e fortificar tambem as fronteiras do Reyno, e ajuntar tantos exercitos, que os inimigos lhe não podessem fazer dano, isto foy obra de Deos, e taõ obra de Deos, que com ella confirmou de todo o Reyno na maõ de Jofaphat: *Confirmavit Dominus regnum, &c.* As novas que agora tivemos por esta Urca foraõ do que o nosso invictissimo Rey, e Senhor tinha feito no terceiro anno de feu Reynado, e como o que de cá de longe mais temiamos, era a pouca uniaõ, e obediencia em os vassallos, e o muito poder de Castella, e agora nos dizem, que a uniaõ, e obediencia dos vassallos he toda a que se pòde desejar, e que contra o poder de Castella tem Sua Magestade taõ presidadas, e taõ fortificadas as fronteiras com exercitos taõ copiosos, que os Castelhanos faõ os que nos temem a nòs, e não nòs aos Castelhanos, mas nòs os vamos buscar a elles, e lhes tomamos, e queimamos Villas, e Lugares, e dentro em Castella sustentamos já os presidios, e tudo isto dentro em tres annos, tomando o Reyno taõ descaido, e quebrantado, bem podemos dar o Reyno por seguro, e confirmado por Deos, pois em tres annos fò elle podera acabar o que nos não atreveramos esperar.

Assim o entendemos Amantissimo Jesus, e assim confiamos que hade ser ao diante, mas para que nos abranjaõ cà as venturas de nosso Rey, e Reyno vos pedimos queiraes dessa Cruz pòr os o-

lhos neste Estado , não sò para que se levante das
miserias temporaes em que tem cahido , mas tam-
bem para que se melhore nos erros Espirituaes,
que obrigaõ a estas demonstrações no castigo que
hoje se dà a estes penitentes , para que sempre se-
jaes glorificado nas vittorias que esperamos ter
de nossos inimigos, ou sejaõ dos que infestaõ nos-
sos mares , e impedem nossos commercios , ou se-
jaõ dos que combatem nossas almas , e deslustraõ
nossa Religiaõ, e triunfados huns , e outros goze-
mos de bella paz, em atenções de huma vida in-
nocente , em desvelos de vosso serviço , em teste-
munhos de nossa Christandade , em merecimen-
tos de graça, e em penhores de gloria. *Ad quam nos
perducat Dominus Jesus.*

Visto estar confòrme pòde correr. Goa em meza
16. de Dezembro de 1644.

*Antonio de Faria
Machado.*

*João de Barros de
Castelbranco.*

